

Índice

Esmola	
I	7
II	8
III	9
Distracção	
I	10
II	11
III	13
IV	15
V	16
Mestres	
I	17
II	19
III	20
IV	21
V	22
VI	23
VII	24
VIII	25
Louvor de Uma Estação	
I	26
II	28
III	29
IV	30

Eressos	
I	31
II	34
III	35
Entre os Martelos	36
Athena Nikê	41
Poiêtikê	
I	43
H. H. 23/3/15	46
Otherwise	
I	48
II	50
III	52
Almofada de Andorinhas	53
Pele	55
II	57
III	60
Quarto em Edimburgo	63

ESMOLA

I

Lançai-me uma palavra, como alguns
atiram côlea aos cães.

Uma palavra
que, embrulhada nesse cuspo
que vos escorre pelos queixos,
brilha

e desconcerta a própria
repugnância.

Sacudi-a de vós, tal como alguém
sacode a lama seca do sapato
sem perceber sequer que lama é
porque não tira os pés
do alcatrão.

Essa palavra abandonada à porta,
eu a recolherei, como se houvesse
nela um pedido,
a súplica de um órfão,
de uma cria deixada para
morrer.

Eu pegarei nessa palavra ao colo
e, não sabendo onde encontrar abrigo
nem alimento,
dormirei com ela,
ouvindo-a murmurar,
enquanto os bosques
vão crepitando e a cinza
nos recobre.

II

Mas entregai uma qualquer palavra,
dessas que tanto desprezais,
ao meu cuidado.

Uma palavra, por exemplo,
sobre a qual
ninguém se incline já
porque a confunde
com uma pedra do caminho
ou um excremento,
tão insignificante
se tornou.

Oh, que estranho é pensar que elas tiveram,
até, reis como servos, as palavras.
Pensar que elas passavam pelos séculos
com o seu corpo musical, tão frágil
e tão convocador de tempestades.
Essas pequenas criaturas transparentes,
sem peso, com alguma vocação
para a malignidade, pois não têm
nem sombra nem reflexo,
e dos seus dedos
desce a grande beleza do terrível
e a grande redenção
que há no poema.

III

Pequenas, misteriosas criaturas
que não nascem do mundo natural,
que são obra dos homens,
sendo os homens a obra delas,
vejo-as hoje mais do que escoraçadas:
submetidas.

Elas que eram solenes e risonhas,
tanto mais necessárias quanto inúteis,
e tanto mais inúteis quanto pura
exaltação do texto, essas palavras
rolam humildemente pelo chão.

Deixai, deixai cair uma palavra,
e outra, e outra,
os ossos do banquete,
para que me roje e as apanhe com a boca,
sendo eu menos
do que mendiga,
menos do que cadela,
sendo eu menos do que um bicho
com fome:
sendo a fome.

DISTRACÇÃO

I

Mantiveram os dentes aguçados,
duros, resistentes, como que
inorgânicos,
como se pertencessem a eles próprios
e não à ossatura do
indivíduo.

Não reparámos naqueles dentes. Aliás,
tudo ignorámos a respeito deles.
Eram talvez, apenas, uma mancha
na escuridão dos bosques, uma mancha
de coisa apodrecida, de uma coisa
que foi medonha por alguns instantes,
que foi medonha e que se
dissipou.

Como crianças, pondo as mãos nos olhos
e assentando rosto contra o estofó
da cadeira da mãe,
como crianças
que acordam no momento em que o terror
do sonho as mataria,
inteiramente inábeis para qualquer
defesa verdadeira,
como crianças, vemos os detalhes
sem suspeitarmos do que neles se oculta,
e assim voamos
pelas altas galerias de uma história
fantasiosa, de uma história de justiça,
tão desejável que a tomamos
por real.

II

E colhemos os frutos, e cantámos,
e tivemos quezílias e lançámos
sobre todos a lei e as intenções
benévolas da lei.

Como crianças,
já capazes de lembrar,
mas ainda incapazes de
prever,
dançamos dentro da espiral do tempo,
subimos e caímos, tão seguros
de sermos os amados, sim, de sermos
nós os eleitos para porta-vozes
de uma bondade que não é
humana,
dessa coisa a que chamam utopia
porque não tem lugar na natureza,
e que, por falta de raiz, não dura
muito mais que um insecto luminoso.

E esquecemo-nos deles
completamente.
Como crianças que na noite vêm
só o que lá não está e assim se enganam
quanto às rotas do perigo,
assinalámos certas armadilhas,
certos abatimentos da beleza,
as pequenas disputas que levavam
o corpo camponês, aquele pé nómada
que a cidade tratara de ocultar,
a surgir novamente, a dar aos gestos
uma festiva, obscena eloquência.

E a terra cintilava sob os coices
ligeiros das mulheres.
Cintilava, feliz pelo regresso
daqueles modos rurais.
E era tudo.